

Tradução

Mimesis e ficção em Luiz Costa Lima¹

Mimesis and fiction in Luiz Costa Lima

Mimesis y ficción en Luiz Costa Lima



Erivelto da Rocha Carvalho

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil
eriveltodarocha@gmail.com



Sara Lelis de Oliveira (Tradutora)

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Cidade do México, México
saralelis@gmail.com

Resumo: Neste ensaio, apresentamos algumas das ideias centrais da teorização de Luiz Costa Lima. A partir de dois capítulos de *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000) e *Frestas* (2013), respectivamente, destacamos as noções de *mimesis* e ficção como aspectos especialmente relevantes na produção do referido autor. Como epílogo, sublinhamos a relação desses livros com a obra *O controle do imaginário & a afirmação do romance* (2009), associando os conceitos de *mimesis* e ficção à ideia de *controle do imaginário* que se encontra na base da teoria da ficção de Costa Lima.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima; *mimesis*; ficção; *controle do imaginário*; teoria da ficção.

Abstract: This essay presents some of the main ideas in the theorization of Luiz Costa Lima. The notions of *mimesis* and fiction are highlighted as relevant aspects in the production of

¹ Nota explicativa da tradutora: O texto "Mimesis y ficción en Luiz Costa Lima" foi escrito por Erivelto da Rocha, professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB), e publicado em 2022 no livro "Transculturaciones de la crítica literaria en Latinoamérica. Nociones, tradiciones y apropiaciones", organizado por José Sánchez Carbó, Samantha Escobar Fuentes, Diana Jaramillo Juárez e Alicia Ramírez Olivares. A presente tradução foi autorizada pelo autor e elaborada a partir do texto em espanhol.

the Brazilian intellectual, based on two specific chapters of the works *Mímesis: desafio ao pensamento* (2000) and *Frestas* (2013). As an epilogue, the relationship of the works with the monographic *O controle do imaginário & a afirmação do romance* (2009) is underlined, linking the concepts of *mimesis* and fiction to the idea of *control of the imaginary*, which is at the center of the theory of the fiction of Costa Lima.

Keywords: Luiz Costa Lima; *mimesis*; fiction; *control of the imaginary*; theory of the fiction.

Resumen: El ensayo presenta algunas de las ideas centrales en la teorización de Luiz Costa Lima. Se destacan las nociones de *mímesis* y ficción como aspectos especialmente relevantes en su producción, a partir de dos capítulos específicos de los libros *Mímesis: desafio ao pensamento* (2000) y *Frestas* (2013). Como epílogo, se subraya la relación de las obras ya mencionadas al monográfico *O controle do imaginário & a afirmação do romance* (2009), enlazando los conceptos de *mímesis* y ficción a la idea de *control del imaginario*, que está en la base de la teoría de la ficción de Costa Lima.

Palabras clave: Luiz Costa Lima; *mímesis*; ficción; *control del imaginario*; teoría de la ficción.

Submetido em: 23 de junho de 2023

Aceito em: 29 de agosto de 2023

Publicado em: 14 de novembro de 2023

Introdução

Mesmo que nossa pretensão fosse apenas oferecer um breve panorama das ideias centrais da produção intelectual de Luiz Costa Lima (São Luís, 1937-)² com o intuito de divulgá-las cientificamente, a extensa trajetória do teórico e crítico maranhense exige que definamos, desde o princípio, um recorte que possibilite a devida aproximação, tanto à perspectiva intelectual sempre rigorosa e combativa do autor que trataremos, quanto à sua larga produção.

Costa Lima é, hoje, um dos raros intelectuais brasileiros com uma produção de peso e valor incontestáveis pelo fato, significativo por si só, de que sua obra atravessa os mais transcendentos processos vitais e culturais vividos no Brasil na segunda metade do século XX e nos primeiros cinco anos do século XXI. Com diversos trabalhos publicados no campo da teoria e da crítica literárias, na maioria dos casos tratando da confluência entre a Literatura e a História, o autor contestou muitos dos hábitos mentais típicos das elites brasileiras, sobretudo de determinada elite acadêmica no que diz respeito ao ensino e à pesquisa na área de Humanas.

Enfrentar-se à produção de Luiz Costa Lima pressupõe o risco de cair na armadilha de explicá-la na íntegra, por meio de uma descrição detalhada de suas obras e das várias nuances existentes entre elas. Evidentemente, isso seria missão para um livro à parte e não é esse o nosso objetivo. O resultado da afirmação anterior leva também ao duro dilema de selecionar aquilo que poderia ser visto como um primeiro (ou primário) acesso à obra do crítico nordestino radicado no Rio de Janeiro, cuja formação inicial ocorre no auge da profissionalização da crítica universitária brasileira a partir dos anos 60.

² Apresentamos aqui alguns dados biográficos de Costa Lima presentes em vários de seus livros: nascido em São Luís, graduou-se em Direito pela Universidade de Recife, onde também começou sua jornada universitária, interrompida pelo Ato Institucional n. 1 (AI-1), decretado no início da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). Na ocasião, havia trabalhado com Paulo Freire nas famosas campanhas de alfabetização do educador pernambucano. Em 1972, defende sua tese de doutorado sob a orientação de Antônio Cândido e atua durante muitos anos como professor do Departamento de História da PUC-RJ e do Instituto de Letras da UERJ. Nos anos 80, por um curto período, foi professor contratado da *University of Minneapolis*, onde inicia a redação dos dois últimos livros da chamada "trilogia do controle", cuja primeira parte já havia sido publicada. Com o processo de redemocratização do Brasil, integra-se novamente à vida acadêmica no país, onde continua atuando como professor-pesquisador até o começo dos anos 2000. Teve inúmeras passagens como professor visitante ou pesquisador de universidades estrangeiras e recebeu diversos prêmios e reconhecimentos. Como escritor, manteve uma regular e incessante atividade, com diversas obras publicadas recentemente.

Os detalhes do longo périplo vivenciado por Costa Lima são desconhecidos pela maior parte do público estrangeiro e, nesse ínterim, surge outro problema para o presente capítulo; “explicar” o pensamento costalimiano desprovido de tudo aquilo que o envolve converte uma tarefa delicada em si mesma em algo, talvez, temerário. No entanto, acreditamos que os leitores latino-americanos poderão compreender mais facilmente que o público estadunidense ou alemão boa parte das disjuntivas anti-institucionais (especialmente a forma de organização do universo profissional das universidades brasileiras) e anti-anti-intelectuais do autor se pensarem no papel atribuído aos intelectuais nos países que não se encontram, usando as palavras do próprio crítico, no centro mas sim na periferia dos sistemas de produção científica, e que tem em nossas universidades um de seus últimos refúgios³.

1. Rápida olhada em uma bibliografia de fôlego

Antes de acompanhar a própria retomada da trajetória intelectual (e vital) de Luiz Costa Lima a partir dos textos escolhidos, vale a pena conhecer rapidamente os livros do autor, os quais nos oferecem uma visão significativa da amplitude, calibre e variedade de seus interesses ao longo de várias décadas. Se conseguirmos sintetizar os dois textos que abordaremos neste trabalho, sobretudo no que se refere às noções centrais de *mimesis* e ficção em sua obra, o epílogo deste capítulo revelará algo, ainda que resumidamente, quanto à elaboração de Costa Lima sobre o chamado *controle do imaginário* em *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, Moll Flanders, Tristram Shandy* (2009), livro que por si só constitui outra síntese e resgate de suas primeiras proposições teóricas.

³ Tanto nos Estados Unidos quanto na Alemanha foram publicadas, em tradução, mais de uma obra de Costa Lima. No âmbito hispânico, análises como as de Hozven (1985) são escassas. Enquanto escrevia este texto, recebi a notícia de que em breve será publicada, no México, a segunda parte do livro *História. Ficção. Literatura* (2006), em volume organizado pelas pesquisadoras Aline Magalhães Pinto, Cláudia Dias Sampaio e Nair Anaya. [N.T. O texto em questão foi publicado em 2022, com o título *Pensamiento e imaginación: El concepto de ficción*, por la *Universidad Nacional Autónoma de México*].

Sendo assim, segue em nota a relação⁴ de obras que nosso autor publicou e que o situa, desde já, como ator e intérprete privilegiado de muitos dos giros da crítica literária no Brasil pelo menos nos últimos 50 anos. Deixando separadas da lista supracitada as obras cujo organizador foi Costa Lima⁵, contamos com 30 obras que versam sobre os mais variados temas; eles se centram, em sua grande maioria, na teoria e na crítica literárias, com estudos monográficos ou de repertório relacionados à Literatura Brasileira (especialmente dedicados a alguns de seus *clássicos modernos*) ou à Literatura Europeia Moderna, embora não sejam seus únicos campos de atuação em termos de crítica literária.

O interesse já mencionado de Costa Lima pela teoria e crítica literárias⁶ e pela relação entre a moderna Literatura Brasileira e suas congêneres europeias possibilitaria um marco teórico genérico para a leitura de sua obra, mas seriam muitas as leituras possíveis. O interesse do crítico nordestino por um amplo repertório da tradição europeia associa-se e relaciona-se, sem complexos e preocupações, com a leitura que ele provoca com respeito a determinados autores da tradição nacional, como por exemplo Euclides da Cunha, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, entre outros. O paradigma teórico-crítico e historiográfico envolvidos na base de seu trabalho, na medida em que busca superar a tentação de nacionalizar a teoria e teorizar exclusivamente o que é nacional, o situa em um espaço peculiar no qual predomina a preocupa-

4 Por que *Literatura*, Vozes 1966; *Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral*, Rio de Janeiro 1968 [1995]; *Estruturalismo e teoria da literatura*, Petrópolis 1973; *A metamorfose do silêncio*, Rio de Janeiro 1974; *A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna*, Rio de Janeiro, 1976; *Mimesis e modernidade (formas das sombras)*, Rio de Janeiro 1980; *Dispersa demanda*, Rio de Janeiro 1981; *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*, Rio de Janeiro 1984; *Sociedade e discurso ficcional*, Rio de Janeiro 1986; *O fingidor e o censor*, Rio de Janeiro 1988; *Pensando nos trópicos (Dispersa demanda II)*, Rio de Janeiro 1991; *Limites da voz: Schlegel, Montaigne, Kafka*, Rio de Janeiro 1993; *Vida e mimesis*, Rio de Janeiro 1995; *Terra ignota. A construção de Os Sertões*, Rio de Janeiro, 1997; *Mimesis: desafio ao pensamento*, Rio de Janeiro 2000; *Intervenções*, São Paulo 2002; *O redemunho do horror. As margens do Ocidente*, São Paulo 2003; *História, Ficção, Literatura*, São Paulo 2006; *Trilogia do controle*, Rio de Janeiro 2007; *O controle do imaginário e a afirmação do romance: Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*, São Paulo 2009; *Escritos de véspera*, Florianópolis 2011; *A ficção e o poema*, São Paulo 2012; *Sebastião Uchoa Leite. Resposta ao agora*, São Paulo 2012; *Me chamo Lully*, Rio de Janeiro 2013; *O encontro*, Rio de Janeiro 2015; *Os eixos da linguagem: Blumenberg e a questão da metáfora*, São Paulo 2015; *Melancolia: literatura*, 2017; *Mimesis e arredores*, Curitiba 2017; *O insistente inacabado*, Recife 2018; *Limite*, Rio de Janeiro 2019. *O chão da mente. A pergunta pela ficção*, São Paulo 2021.

5 Essas seriam algo em torno de dez obras a mais, com importantes livros tais como *Teoria da cultura de massa*, Rio de Janeiro 1969 [2010, 7ª edição revisada]; *O estruturalismo de Lévi Strauss*, Rio de Janeiro 1970; *Teoria da literatura em suas fontes*, Rio de Janeiro 1975; *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, Rio de Janeiro 1979 [2002, segunda edição revisada e ampliada]; *Neo-retórica e desconstrução*, Rio de Janeiro 1998; *Mimesis e a reflexão contemporânea* (org.), Rio de Janeiro 2009. Dentre elas, que ajudam a entender parte relevante do percurso teórico do autor, cabe mencionar que a de 1979, além de introduzir a “estética da recepção” no Brasil, rendeu reconhecidos frutos para o trabalho do teórico brasileiro, principalmente a partir de seu diálogo com H. U. Gumbrecht e a teoria do efeito de W. Iser.

6 Embora ressaltemos, neste trabalho, tudo aquilo referente ao que é literário na obra de Costa Lima, não se deve esquecer que as proposições do autor são transdisciplinares, com incidências muito claras naquilo que afeta tanto a teoria da história quanto uma teoria da modernidade vista desde Ciências Humanas *lato sensu*.

ção com aquilo que é literário (especialmente com a *ficcionalidade*) e suas singulares conexões com a sociedade, as quais merecem menção especial em sua atividade crítica⁷.

2. Retomada da *mimesis*

Para as mentes mais acostumadas à ditadura do instantâneo na qual que se converteu o atual debate público e acadêmico, pode parecer contraditório o fato de que um crítico dedicado a estudar autores como Clarice Lispector, Paul Celan, Sebastião Uchoa Leite ou Kafka estruture todo um movimento de compreensão da modernidade literária a partir da retomada de um conceito aparentemente deslocado e ultrapassado como o de *mimesis*. Mais adiante, esperamos esboçar um último comentário sobre como esse movimento surge em Luiz Costa Lima desde as conotações sociais de sua incursão pelo terreno do *controle do imaginário*, o qual consagra em sua madura produção uma espécie de ponto de partida e, ao mesmo tempo, ponto de retorno.

Para compreender o que esse movimento pressupõe e como ele mesmo foi se delineando ao longo de décadas, faz-se necessário retomar alguns fragmentos que expõem a maneira pela qual se desenvolve o processo reflexivo, que se destaca tanto pelas noções trabalhadas em cada obra como pelas sucessivas “retomadas”. Aqui cabe uma observação: embora seja declarada a resistência de Luiz Costa Lima ao gênero autobiográfico (em sua versão intimista e, às vezes, celebratória), boa parte de seus livros e suas análises em geral estão acompanhadas de paratextos⁸ que delimitam temporal e espacialmente o “*locus*” de construção de seu olhar teórico.

A retomada da *mimesis* pelo autor é vislumbrada no primeiro livro sobre o tema, *Mimesis e modernidade (formas das sombras)*

7 Sobre Luiz Costa Lima: Gumbrecht e Castro Rocha (1999). Nos últimos anos, foram realizados dois ciclos de entrevistas com um amplo grupo de pesquisadores e foram publicados trabalhos em Bastos (2010) e Bastos *et al.* (2019). Também é essencial sublinhar os diversos textos dedicados ao autor como os mais recentes de Pinto (2019), Pinto e Said (2020), e anteriores como os de Lamb (2008, 2010) e Souza (1992).

8 RICOTA, Lúcia. “Crítica e escrita das margens em Luiz Costa Lima”. In: *Fato & Versões* – Revista de História. Campo Grande, vol. 10, n. 19, p. 62-75, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/7566>. Acesso em: 13 set. 2023. Os paratextos dos estudos de Luiz Costa Lima são índice de uma autobiografia intelectual combativa, sem a pretensão de se prestarem apenas à composição anedótica ou de se apresentarem como frutos deslocados de um mero exercício literário ou retórico.

(1980), e se estende na chamada “tetralogia da *mimesis*”, formada pelos outros títulos posteriores que versam sobre o assunto: *Vida e mimesis* (1995), *Mimesis e arredores* (livro de sínteses sobre suas reflexões neste campo, publicado em 2017) e o já citado *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000), o qual ocupa um lugar especial no desenvolvimento de sua teoria uma vez que, nessa obra, se nota uma considerável mudança de perspectiva que será discutida em seus futuros livros.

Desse último livro, destacamos aqui o capítulo IV, no qual se apresenta o problema da *mimesis* em relação ao problema da representação, ou da crise da representação nas poéticas modernas, possibilitando vincular a discussão desse conceito (como matéria de uma espécie de Poética própria) à uma reflexão mais ampla sobre a chamada filosofia do sujeito. O filósofo Benedito Nunes, ao comentar a obra de Costa Lima, a chamará de uma verdadeira “crítica da razão estética”.

Como anunciará o próprio crítico no início de seu capítulo IV (“Representação e *mimesis*”), essa definitiva retomada da *mimesis* se alonga para uma teorização mais aprofundada ao reconsiderar o conceito para além de sua redução à *imitativo* latina nas poéticas clássicas, e tem como propósito relacioná-lo à uma leitura da Terceira Crítica kantiana com seus desdobramentos contemporâneos. Isso conduziu Costa Lima em direção a determinado repertório do pensamento alemão (Nietzsche, Schopenhauer, Freud, Benjamin, Heidegger) e à uma variedade de abordagens críticas sobre fenômenos culturais estéticos que englobam desde Foucault a Derrida, passando por Lukács, Nancy, Lacoue-Labarthe e Deleuze até chegar a Welbery, entre outros.

Nos primeiros capítulos de *Mimesis: desafio ao pensamento*, o autor define o que denomina “fratura do sujeito” no princípio da modernidade filosófica alemã e extrai, da indagação estética presente em Kant, alguns elementos que estarão a serviço de seus próprios propósitos. Em “Representação e *mimesis*”, encara o problema da relação dos limites da representação e a reconsideração da *mimesis* (superada a clássica redução dessa ideia à

imitatio latina) na cultura moderna (com evidentes consequências quanto ao mundo dominado pela razão científica contemporânea). A revisão realizada nesta mesma obra sobre uma filosofia do sujeito, com o deslocamento de uma teoria romântica do sujeito solar unitário para uma elaboração própria da configuração de um “sujeito fraturado” no mundo moderno, faz com que Costa Lima dê um passo decisivo no processo (já sublinhado) de reconsideração da *mimesis* na cultura moderna e, por que não dizer, na sociedade contemporânea.

De acordo com a pergunta lançada no final deste capítulo, a *mimesis* passa a ser vista (ou percebida), a partir de então, como uma “oficina de imprevistas correspondências” (Costa Lima, 2000, p. 289) que brinca com alguns dos aspectos, noções e conceitos. Cada um deles se encaixam em um sofisticado mecanismo teórico inspirado na melhor tradição filosófico-estética ocidental, mas sem negligenciar a crítica literária e estética e, menos, o trabalho de análise e reflexão sobre os textos literários em si. Trata-se, aqui, de uma ambiciosa crítica que se articula com todas as ferramentas disponíveis dos estudos literários e humanísticos ao propor uma visão ampliada de uma noção — a de *mimesis* — relegada ao “ostracismo” (termo empregado pelo autor) no debate crítico contemporâneo (considerados os limites impostos a ela mesma em um clássico como *Mimesis* de Erich Auerbach, de 1946, referência constante na produção costalimiana⁹).

Como mencionado anteriormente, o projeto declarado de *Mimesis: desafio ao pensamento* reforça e amplia as reflexões empreendidas em outras ocasiões por Costa Lima (em 1980, 1981, 1995) ao associar a filosofia do sujeito à reconsideração desse conceito-chave. Nas palavras do autor:

Nosso esforço, aqui aprofundado, tem consistido em declarar que o divórcio entre arte e mundo, se bem que historicamente explicável, não é inevitável ou sequer

⁹ Em artigo publicado originalmente em espanhol e que foi incorporado em português à *Trilogia do Controle* (2007), Gumbrecht (1989) aponta para algumas semelhanças e diferenças entre o “estilo intelectual” de Costa Lima comparado ao do célebre filósofo alemão. Destaca-se, em particular, a “dupla perspectiva” presente em Costa Lima, como a capacidade de transitar entre as perspectivas latino-americanas e europeias em seus estúdios para além do rigor filosófico comum a ambos os críticos.

desejável. Além do mais, se por ele a arte alcançou sua autonomia, fazê-la depender desse hiato a encaminha para o impasse já hoje conhecido ou para o suicídio. Por essa questão, na tentativa de conceber uma outra brecha, tentamos repensar a teoria do sujeito e as formas de representação, noutras palavras, tornar a obra independente de uma intencionalidade autoral e tornar as representações um fenômeno comum a criadores e receptores. Temos por isso afirmado a relação teórica entre o sujeito fraturado e a representação-efeito, a qual, embora não reproduza uma cena primeira e seja mesmo passível de atingir uma “outra natureza”, nem por isso se isenta do mundo (Costa Lima, 2000, p. 278).

Neste fragmento, mencionam-se outras caras noções à teorização de Costa Lima, a qual consolida, com base na ideia de um “sujeito fraturado”, sua própria leitura de *mimesis*. Ao referir-se à noção de *representação-efeito*¹⁰, o autor traz à baila a contribuição da teoria do efeito de Wolfgang Iser (já comentada anteriormente em *Vida e Mimesis*, 1995) para discutir sobre as formas modernas de representação. Assim, dispõe de uma nova formulação que se junta à desenvolvida em *Mimesis e modernidade*, quando havia elaborado a distinção entre dois tipos de *mimesis* relacionadas ao universo da arte: a *mimesis de representação* e a *mimesis de produção*¹¹.

Sintetizando a discussão nos termos utilizados pelo próprio autor no capítulo “Representação e *mimesis*”, recuperamos mais uma vez as palavras de Costa Lima em um desses fragmentos tão comuns em seus livros, uma espécie de parada na qual ele revisa a o caminho percorrido para, em seguida, continuar com a caminhada:

¹⁰ No capítulo IV de *Mimesis: desafio ao pensamento* (centrado na “estética anti-representacional” de Deleuze), o conceito será definido resumidamente. Segundo Costa Lima, a *representação-efeito* é “o modo pelo qual a diferença emerge em uma obra particular” (2000, p. 363). Enfatiza-se, assim, a dimensão estética da noção em sua formulação inicial.

¹¹ No livro citado, explica-se de forma sucinta a diferença básica das duas classificações: “Em suma, toda obra que não tem uma relação direta, nem a possibilidade de um efeito direto sobre o real, só poderá ser recebida como de ordem mimética, seja por representar um Ser previamente configurado – *mimesis* da representação – seja por produzir uma dimensão do um Ser – *mimesis* da produção” (Costa Lima, 2003, p. 182).

(...) Podemos então verificar a possibilidade de outra concepção do sujeito, distinta da que dominara no pensamento moderno. As implicações da concepção dominante não podiam ser mais diretas: se o sujeito comanda as representações e, sendo a *mimesis* um modo de representação, ela não passaria de uma das emanações do sujeito. Mais precisamente, uma das tantas ilusões que o homem criara, com resultado danoso para compreensão da arte. Além do mais, para que o sujeito fosse tomado como fonte originária das representações e, em especial, dessa representação específica, a *mimesis*, era preciso que a representação fosse entendida como uma construção equivalente a algo prévio a ela, constituindo uma espécie de *maquete* do mundo externo, cuja reprodução, com a pretensão explícita ou tácita de seu domínio, era assim assegurada. A essa caracterização viemos a chamar representação 1. Desta maneira era deixada como irrelevante a representação 2, i.e., a representação-efeito, que, a princípio, antes de considerarmos seu trato específico no horizonte da arte, nos contentávamos em definir como aquela que se engendra no sujeito, à maneira de resposta afetiva ante fenômenos ou acontecimentos (cf. capítulo III #1.1) (Costa Lima, 2000, p. 230).

O projeto que se instala a partir do capítulo que destacamos aqui é, justamente, o de análise da “representação-efeito”, desde o horizonte da arte (com base na reflexão sobre o par sujeito-representação do *cogito* cartesiano até chegar à abordagem contrastiva das funções da *Darstellung-Vorstellung* Terceira Crítica kantiana), isto é, pensando a dicotomia representação-apresentação em termos estéticos, mas sem perder de vista que sua aplicação não se restringe ao mundo da arte, mas que também possui um emprego distinto no âmbito estritamente social.

Retomar o capítulo que sublinhamos aqui com base em dois fragmentos sintéticos, diante de toda a complexidade da elaboração teórica e crítica de Costa Lima, é arriscado. Porém, aceitamos o risco em questão pois pensamos que delinear seu caminho argumentativo, ainda que minimamente, também nos oferece a possibilidade de refletir sobre a importância da divulgação de sua obra para além das acusações de dificuldade ou “hermetismo” que eventualmente recebe de maneira errônea e, muitas vezes, superficial. O trabalho de exposição e reorganização que realiza nosso autor das matérias com as quais lida indicam um modelo inusual na atualidade, quando a preocupação com a visibilidade dada à investigação se superpõe à profundidade metódica e meticulosa, ou à construção paciente de um percurso crítico. A reflexão de Costa Lima sobre a *posição do sujeito* na modernidade se desdobra, para qualquer leitor mediano de sua obra, em uma preocupação com o *locus* da produção intelectual, e se encadeia inexoravelmente ao problema do contexto no qual o trabalho intelectual é realizado.

Para terminar este segundo ponto, vale dizer que toda reconstrução da filosofia do sujeito traçada no capítulo IV de *Mimesis: desafio ao pensamento* se articula, neste mesmo texto, com base em uma leitura cuidadosa do poema *Todtnauberg* (1970), de Paul Celan. Costa Lima reconstrói (em contraste com a perspectiva de Lacoue-Labarthe sobre poema) não só o ambiente e o contexto da peça (a do frustrante diálogo entre Celan e Heidegger, impedido pela adesão do segundo ao nazismo), mas também o universo crítico em que se insere o próprio autor ao aproximar sua interpretação de poema à questão dos limites ou das impossibilidades da representação desde a polêmica sobre a *Shoah* — elevada pelo revisionismo (negacionismo) histórico — a um possível pensamento “estrangeiro” na reflexão do primeiro Foucault. Em virtude de todas as referências mencionadas apenas nesta seção de síntese, nota-se o amplo leque literário, estético e filosófico acionado pelo tipo de abordagem do teórico brasileiro em um trabalho que une a leitura dos textos literários a variados problemas dos estudos humanísticos em geral, e que também se detém nas questões

especificamente filosóficas e científicas (baseando-se sempre nas tensões e contrastes com outras perspectivas teóricas, disciplinares e discursivas).

3. Pensar a literatura na fronteira: *Frestas* e a teoria da ficção

Se o ponto anterior proporciona um acesso para o “salto” da reflexão teórica de Costa Lima a partir de seu livro ainda no último ano do século XX, este buscará aprofundar-se na discussão acerca da *mimesis* e sua evolução em direção à uma teoria da ficção, a qual está claramente relacionada com o primeiro debate, de forma que as obras do autor publicadas após a exposição de ambas problemáticas (a questão da *mimesis* e da ficção) figuram praticamente de modo contínuo e contíguo. Vale lembrar que, tanto a reflexão sobre a *mimesis* como sua peculiar teoria da ficção desembocam (ou retornam, por assim dizer) em suas proposições sobre o *controle do imaginário* no mundo moderno.

Nesse sentido, a abertura do capítulo II de *Frestas. A teorização em um país periférico* (2013), intitulado “Roteiro de um trajeto”, retoma o movimento de apresentação do caminho percorrido a partir dos três pontos anteriormente mencionados, e em seguida dispõe sinteticamente sobre a especificidade de sua abordagem a respeito da noção de *mimesis* a partir da reconsideração dela com base dos gregos. Afirma claramente:

A verificação, por tanto, da presença simultânea de dois vetores de direções contrárias, semelhança e diferença, impedia que apesar de toda a estabilidade do cosmo grego, a *mimesis* aristotélica se identificasse com a *imitatio*. Nesta, quando se reconhece a diferença, ela se confunde com o plano do ideal ou, no sentido tradicional da palavra, do sublime. Adiantando um pouco o que teremos de depois explicar melhor: no questionamento da *mimesis*, acentuarei que ela é produto da tensão entre os vetores discordantes “semelhança” e “diferença” (Costa Lima, 2013, p. 111).

Revela-se, de maneira ainda introdutória, aquilo que já havia aparecido em *Mimesis: desafio ao pensamento*: a ideia da *mimesis* como uma “oficina de correspondências imprevistas” com base em dois polos de tensão bem definidos, cujas relações corresponderão, em sua construção teórica, à diferenciação entre *mimesis de representação* e *mimesis de produção*. Não se trata de construir um sistema mecânico ou perfeito de correspondências, mas sim de acentuar o caráter dinâmico do par semelhança-diferença, e, nesse sentido, o paradigma reflexivo da teorização costalimiana evita tanto os reducionismos da crítica reflexiva (seja sociológica, marxista ou de determinadas tendências dos estudos culturais) quanto os exageros do imanentismo textualista contemporâneo, conforme o próprio crítico não cansou de chamar a atenção em sua produção mais recente.

O próximo passo para chegar no problema da ficção é a chamada “rejeição” da *mimesis* a partir dos românticos, com a definição que reduzimos aqui a duas citações breves sobre a nova compreensão da *mimesis* (ligada intrinsecamente a seu “ostracismo”), estabelecida desde um longo processo que remonta ao pensamento cartesiano, às poetologias renascentistas e que desagua na leitura do teórico brasileiro da Terceira Crítica kantiana repleta de reflexões posteriores. O primeiro fragmento que sublinharemos delimita o universo estético da *mimesis* “rejeitada” com base em uma clara afirmação: “na arte, a *mimesis* opera pela produção de diferença, cumprida a partir de um horizonte de semelhança” (Costa Lima, 2013, p. 116)¹².

A citação abre caminho para a especificação do papel a ser atribuído ao vetor “diferença” nas poéticas contemporâneas, a partir da circunscrição de seus avatares no campo da estética moderna. Remetendo à teorização sobre o efeito de Iser (mas também, paralelamente, sublinhando sua particularidade com referências a Heidegger e Chklovsky), o autor conclui com o mais característico de sua proposta:

¹² Essa concepção de *mimesis*, em sua dimensão estética, tem reflexos no desenvolvimento do trabalho do crítico nordestino ao aproximar sua reflexão sobre ficção e poesia post-Baudelaire e Mallarmé às inquisições sobre as artes plásticas, com evidentes efeitos em sua definição das já antes mencionadas *mimesis de representação* e *mimesis de produção*. Apesar de sua evidênciação em *Frestas*, este tipo de aproximação não será totalmente desenvolvido posteriormente, mas se sobressai aqui por sua nítida relação com o que é estritamente “literário” da multidisciplinar teorização costalimiana.

A diferença é o vetor que se desvia ou contradita a expectativa da semelhança. Se, do ponto de vista da recepção, essa opera como pano de fundo, ela é tão indispensável como o vetor contraposto, porquanto, se o receptor não encontra semelhança alguma, ou seja, nada que se ajuste, na expressão precisa de Karl Mannheim, a seu “horizonte de expectativas”, não disporá da redundância *mínima* que lhe servirá de orientação inicial. A obra que pretenda realizar-se pela diferença *absoluta* só terá possibilidade de recepção quando ao menos um de seus ingredientes, sendo destacado como valor, vier a se integrar ao campo perceptual de, no mínimo, um pequeno grupo de uma sociedade (Costa Lima, 2013, p. 116-117).

Aparentemente, ainda estamos na discussão da *mimesis*; mas, na verdade, com o grande marco de sua reconsideração, abrem-se as portas para a teoria da ficção costalimiana, a qual é estabelecida desde dinâmicas que se complementam, indicando frestas e apontando para uma reformulação das tensões existentes (desde o neologismo de uma perspectiva “existencial” e não existencial, conforme mostrado no livro de 2000) seja entre sujeito representação, mundo-linguagem e arte-sociedade, a partir da dupla semelhança-diferença. Nesta seção, acrescentaremos somente outro desenvolvimento da teoria costalimiana presente no capítulo II, que é o que remete diretamente à sua teoria da ficção. Obviamente, não é difícil de constatar que tudo o que sintetizamos até então tem evidentes implicações naquilo que se refere à uma ficção e, inclusive, em larga escala, ao discurso literário confrontado ao discurso histórico-social¹³.

Para nosso intuito, cabe salientar aqui a consolidação em “Roteiro de um projeto” do questionamento referente à ficção que

13 Neste aspecto específico, a teorização de Costa Lima não está tão longe da de um de seus primeiros mestres, Antônio Cândido (especialmente o Cândido de *Literatura e Sociedade*, de 1965), apesar das diferenças quando às respectivas perspectivas e motivações. Para o contraste Cândido-Costa Lima, vide: MARTINS RODRIGUES DE MORAES, Anita. “Contrapontos: Luiz Costa Lima e Antônio Cândido”. In: *Fatos & Versões* – Revista de História. Campo Grande, vol. 10, n. 19, p. 14-23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/7561>. Acesso em: 13 set. 2023.

Luiz Costa Lima se utiliza a partir das noções de *ficção interna* e *ficção externa*¹⁴, destacando o anterior no início deste ensaio ao definir a tríade *mimesis-controle do imaginário-ficção* como núcleo de sua reflexão teórica. Após retomar seu esforço investigativos em pontos dedicados à relação entre *mimesis* e representação (aproximando, nesta ocasião, a chamada *mimesis de produção* ao campo da pintura abstrata) e ao *controle do imaginário* (com as peculiares implicações do mesmo em termos de uma antropologia filosófica), o próprio autor destacará o caminho percorrido desde suas obras imediatamente anteriores em direção ao que se configurará como a *pergunta*¹⁵ pela ficção:

Por cima, o sumário seguinte tem a função suplementar de servir de pano de fundo para o desdobramento da própria questão: desde o *História. Ficção. Literatura* até o recente *A ficção e o poema* temos desenvolvido o que chamamos de *ficção interna*, isto é, a ficção realizada verbal ou plasticamente, portanto investida de uma *função estética*, ao passo que no próximo capítulo serão dados os primeiros passos do que chamarei de ficção externa. (Não dizemos que a última seja forçosamente desacompanhada de interesse *não utilitário* da experiência estética, senão que, mesmo que essa se dê, será aleatória (Costa Lima, 2013, p. 162).

A questão inicialmente referida no fragmento anterior e que intitula a seção é o tema da *ficcionalidade*, para a qual Costa Lima chama a atenção em duas direções. Por um lado, atenta para a

14 Em entrevista tratando do livro imediatamente posterior sobre o *controle do imaginário* no romance moderno, o autor distingue esses dois tipos de ficção. Em suas próprias palavras: "A primeira é a que se realiza em uma obra ficcional (um romance, um poema, uma peça teatral, um filme ou uma pintura não estritamente abstrata, por exemplo). As ficções externas seriam aquelas em que se dá a utilização do como se, por serem formas de presunção que presidem o inter-relacionamento humano, que não se baseiam em uma convenção estabelecida ou mesmo em uma hipótese razoável" (BASTOS, 2010, p. 381).

15 A palavra dá nome ao seu mais recente título, *O chão da mente. A pergunta pela ficção* (2021), cuja "pergunta" pela ficção desenvolverá as proposições presentes em algumas de suas obras cronologicamente mais próximas como Costa Lima (2006, 2009 e 2012). A obra costalimiana posterior a *Frestas* assume declaradamente o projeto de extrapolação disciplinar da Literatura da dimensão estritamente estética para uma concepção do fenômeno literário desde uma antropologia filosófica. É neste sentido que se pode situar melhor a ampliação de sua discussão sobre a *mimesis* e a ficção em direção aos terrenos da não-conceitualidade.

ausência de uma formulação teórica sobre o problema da ficção em si, se excluída a obra de Wolfgang Iser, *Das Fiktive und das Imaginäre. Perspektiven literarischer Anthropologie* (1991). Por outro lado, e de sua parte, conclui o capítulo sublinhando dois princípios que evidencia de sua perspectiva e remetendo a seus estudos passados: a) primeiro, afirma que “nenhum discurso é monológico” (Costa Lima, 2013, p. 170), e que “cada modo discursivo concerne à forma como o alheio ou estranho entra em cada discurso” (Costa Lima, 2013, p. 171); b) segundo, afirma que “além da adequação ao perfil do destinatário, cada discurso segue o protocolo da área em que se dispõe” (Costa Lima, 2013, p. 171).

Para encerrar este ponto, é importante, ainda, sublinhar a fundamental importância que Costa Lima confere ao que define como a “cláusula do *como se*” na ficção, que é o elemento que caracteriza a *ficcionalidade* desde sua dimensão “autorreflexiva” e de seu “potencial crítico”. Quando pensada em termos de *ficção interna*, a cláusula do “como se” situa-se desde uma função visivelmente estética, enquanto nos termos de uma *ficção externa*, este princípio é dirigido a situações de comunicação ou a determinados protocolos de caráter social que são mais reconhecidos ou próximos ao discurso historiográficos, ou às abordagens documentais ou realistas do discurso literário. De todo modo, a *ficção externa* é por onde se compreende melhor a dispersão da *mimesis* revista para além do terreno propriamente literário e estético em que se localiza a *ficção interna*.

4. Epílogo: controle do imaginário e afirmação do romance

Segundo a maneira com a qual viemos abordando os tópicos deste ensaio, o leitor medianamente esforçado evidentemente percebe que a teorização de Luiz Costa Lima está marcada pela busca incessante de frestas na teoria (para remeter-nos ao título de sua obra) ou, melhor dizendo, a partir dela. É sintomático que, com seu esforço de definir o último trecho de sua produção, o crítico tenha escolhido essa alcunha na mesma obra (*Frestas*) em

que relata a experiência da prisão e do interrogatório sofridos na época da Ditadura Civil-Militar de 1964. “De olhos vendados” é o significativo título do relato, o qual é declaradamente autobiográfico por abordar uma questão (a experiência da impossibilidade da visão às claras e a tentativa de anulação de sua existência-presença física e cívica no mundo cinza do Estado de exceção) que não está desvinculada de seu papel intelectual em um país periférico (subdesenvolvido, como se dizia nos anos 60)¹⁶. Talvez o jogo entre a experiência da prisão e bandagem, e a busca ativa da possível fresta seja somente um efeito secundário, não intencional da organização do livro em questão, mas acreditamos que não.

Antes de passar para as últimas considerações ou uma conclusão provisória, vale a pena remeter a um tema que fomos postergando, e que desde nossa visão entrelaça os pontos anteriores à *mimesis* e à ficção. O tópico do *controle do imaginário*¹⁷ relaciona os dois problemas citados e deixa sentir, em certa medida, o amplo percurso teórico iniciado em 1980 e cuja forte retomada 30 anos depois significa a confirmação de uma trajetória e uma espécie de fechamento de círculo em processo. Em resumo, o problema do *controle do imaginário* diz respeito, em termos de discurso e representação social, aos dispositivos de controle discursivos na Modernidade tanto em termos negativos (políticos ou ideológicos) como em termos positivos (estéticos, a partir da tensão entre semelhança-diferença da *mimesis* deslocada), considerada a partir da antropologia filosófica de Arnold Gehlen e desde o posterior diálogo com a metaforologia de Hans Blumenberg, quando Costa Lima já não se sujeita somente a pensar na *mimesis* como um conceito, mas sim que pretende pensá-la como um tipo de forma discursiva peculiar (uma energia no âmbito da cultura?) ou uma espécie de forma aberta em constante expansão.

16 SILVA FREITAS, Eduardo da. “Sistema intelectual, Literatura e Crítica Literárias Brasileiras na obra de Luiz Costa Lima”. In: *Fato & Versões* – Revista de História. Campo Grande, vol. 10, n. 19, p. 35-50, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/7564>. Acesso em: 13 set. 2023.

17 Em sua lapidária definição em *Trilogia do controle*, livro que reedita os três livros escritos até então sobre o assunto, o *controle do imaginário* pode ser entendido como o “o mecanismo com que a sociedade (ocidental) opera para ajustar as obras dos que privilegiam o imaginário – seus poetas e artistas plásticos – aos valores em vigência em certo período histórico dessa sociedade” (Costa Lima, 2007, p. 17-18).

A retomada das propostas presentes nos livros da chamada *Trilogia do Controle* (2007) desemboca na questão do controle tratado com relação ao romance, à qual dedica um livro específico: *O controle do imaginário e a afirmação do romance: Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy* (2009). Faltaria aqui o espaço necessário para a resenha de mais uma obra, mas é relevante evidenciar o fato de que, nesta discussão, Costa Lima consegue unir aquilo que, em outras ocasiões, está aparentemente separado em sua produção; referimo-nos, em especial, ao tratamento discursivo da teoria da ficção, fronteira do discurso literário na qual se encontram tanto categorias tradicionalmente separadas como o romance e a poesia (tema do livro de 2012, *A ficção e o poema*, no qual continua sua indignação referente à *ficcionalidade*), quanto os avatares da teorização sobre os campos disciplinares e epistemológicos tematizados em *História. Ficção. Literatura* (2006).

Com a mesma acuidade de seus trabalhos monográficos, do comentário do poema de Celan em *Mimesis: desafio ao pensamento*, da análise do poema de Sá de Miranda (com uma rara habilidade na leitura contemporânea do poeta do *Quinhentismo* português) em *Frestas*, em *O controle do imaginário e a afirmação do romance*, Costa Lima se enfrenta à tarefa nada simples de dizer algo novo e, mais que uma novidade, algo muito característico sobre Cervantes, Laclos, Defoe e Sterne, e faz isso em função de seu olhar singular para a Modernidade, desde uma densa reflexão teórica exalada através de seu estilo particular, fragmentário e reiterativo, mas minucioso na hora de encadear repertórios de leitura especialmente ricos e desafiadores.

Como observação final, cabe afirmar que o esforço empreendido em todo seu arco de teorização anda de mãos dadas com uma pungente preocupação em delimitar o *lugar* de onde se teoriza, se estuda e se faz crítica literária (Campos, 1995), e nesta perspectiva não se deve esquecer que em cada obra, acompanhando cada movimento crítico de Costa Lima, existe um posicionamento que se harmoniza perfeitamente com o rigor reflexivo e acadêmico exigido pelo autor, justificando o tom enfático das críticas que

realiza ao sistema intelectual-acadêmico brasileiro com suas próprias misérias, mas não só a ele. Um olhar atento à maneira como a crítica intelectual costalimiana se constrói e se edifica pode ser mais que útil ao público em geral, aos profissionais das Humanas e aos especialistas hispanos (a partir de leituras cuidadosas de Borges, Cervantes ou Antonio Machado, por exemplo), não só a partir da configuração de um denso campo identificável e trabalhado desde a crítica literária, mas sobretudo com um tipo de teorização dirigida à uma forma de pensar a Literatura como campo múltiplo e intermediário, caracteristicamente, ambíguo, com suas devidas conexões estabelecida pela *mimesis* ou pela abordagem do *controle do imaginário* no âmbito da teoria da ficção.

Referências

- BASTOS, Dau (ed.). Luiz Costa Lima. *Uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BASTOS, Dau *et al.* (ed.). *Luiz Costa Lima: um teórico nos trópicos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980.
- COSTA LIMA, Luiz. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- COSTA LIMA, Luiz. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. *Frestas: a teorização em um país periférico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. *O chão da mente: a pergunta pela ficção*. A pergunta pela ficção. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. La inquietud de Luiz Costa Lima. *Nuevo texto crítico*, Stanford, ano II, n. 3, p. 5-8, 1989. <https://doi.org/10.1353/ntc.1989.0024>.

GUMBRECHT, Hans Ulrich; CASTRO ROCHA, João Cezar (ed.). *Máscaras da mimesis*. A obra de Luis Costa Lima. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOZVEN, Roberto. El discurso del ensayo, à propósito de O controle do imaginário. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago de Chile, n. 26, 1985.

LAMB, Mathew. Special Issue on Luiz Costa Lima. *Croosroads*, Brisbane, v. 2, n. 2, 2008.

LAMB, Mathew. Special issue –Luiz Costa Lima rejoinder. *Croosroads*. Brisbane, v. 4, n. 2, 2010.

PINTO, Aline Magalhães; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. Dossiê Luiz Costa Lima. *Fato & Versões – Revista de História*, Mato Grosso do Sul, v. 19, n. 10, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/7570>. Acesso em: 19 set. 2023.

PINTO, Aline Magalhães; SAID, Roberto do Carmo. Luiz Costa Lima: legados. *O Eixo e a roda*. Belo Horizonte, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/issue/view/754. Acesso em: 13 set. 2023.

SOUZA, Eneida Maria de. Luiz Costa Lima. Crítica em Palimpsesto. *Cadernos de Pesquisa*. Belo Horizonte, n. 7, 1992.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.